

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO  
FACULDADE DE LETRAS

Literatura de Não Ficção e Femicídio: Uma Análise de *Chicas Muertas* de Selva Almada

Kimberly Silva Tenorio

Rio de Janeiro  
2024

Kimberly Silva Tenorio

Literatura de Não Ficção e Femicídio: Uma Análise de *Chicas Muertas* de Selva Almada

Monografia submetida à Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Letras na habilitação Português/Espanhol.

Orientadora: Prof.º Dr.º Rafael Eduardo Gutiérrez Giraldo.

Rio de Janeiro

2024

### CIP - Catalogação na Publicação

T491 Tenorio, Kimberly Silva  
Literatura de Não Ficção e Femicídio: Uma  
Análise de Chicas Muertas de Selva Almada /  
Kimberly Silva Tenorio. -- Rio de Janeiro, 2024.  
28 f.

Orientador: Rafael Eduardo Gutiérrez Giraldo.  
Trabalho de conclusão de curso (graduação) -  
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade  
de Letras, Licenciado em Letras: Português -  
Espanhol, 2024.

1. literatura de não-ficção. 2. feminicídio. 3.  
literatura feminista. 4. literatura contemporânea  
argentina. I. Gutiérrez Giraldo, Rafael Eduardo ,  
orient. II. Título.

Elaborado pelo Sistema de Geração Automática da UFRJ com os dados fornecidos  
pelo(a) autor(a), sob a responsabilidade de Miguel Romeu Amorim Neto - CRB-7/6283.

## FOLHA DE AVALIAÇÃO

Kimberly Silva Tenorio  
DRE: 117122555

Literatura de Não Ficção e Femicídio: Uma Análise de *Chicas Muertas* de Selva Almada

Monografia submetida à Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Letras na habilitação Português/Espanhol.

Data de avaliação: 17/12/2024

Banca Examinadora:

Prof. Rafael Eduardo Gutiérrez Giraldo (orientador)

NOTA: 9,5

Prof. Miguel Bezzi Conde (leitor crítico)

NOTA: 9,5

MÉDIA:

**Assinatura dos avaliadores:**



Prof. Rafael Gutiérrez (orientador)



Prof. Miguel Conde (leitor crítico)

*“Caro leitor:  
Tudo neste livro é invenção,  
mas quase tudo aconteceu.”*

B. Kucinki

## RESUMO

Esta monografia analisa a obra *Chicas Muertas* (2014), da escritora argentina Selva Almada, um relato de não ficção que aborda o feminicídio de três jovens em pequenas cidades argentinas na década de 1980. Combinando elementos da ficção documental, Almada constrói uma narrativa que articula investigação, memória e literatura para denunciar a violência de gênero e a negligência institucional em crimes contra mulheres. Discute-se o papel da literatura de não ficção como uma ferramenta de resistência, capaz de dar voz às vítimas e estimular uma crítica social sobre desigualdades de gênero. A obra é situada no contexto da literatura latino-americana contemporânea, destacando seu papel na denúncia social e na preservação da memória coletiva. Também são analisadas a representação da violência no contexto rural e o impacto emocional nos familiares das vítimas, evidenciando como o afeto e o luto se transformam em atos de resistência.

Palavras-chave: literatura de não-ficção; feminicídio; literatura feminista; literatura contemporânea argentina.

## RESUMEN

Esta monografía analiza la obra *Chicas Muertas* (2014), de la escritora argentina Selva Almada, un relato de no ficción que aborda el feminicidio de tres jóvenes en pequeñas localidades argentinas durante la década de 1980. Combinando elementos de la ficción documental, Almada construye una narrativa que articula investigación, memoria y literatura para denunciar la violencia de género y la negligencia institucional en los crímenes contra mujeres. Se discute el papel de la literatura de no ficción como una herramienta de resistencia, capaz de dar voz a las víctimas y fomentar una crítica social sobre las desigualdades de género. La obra se sitúa en el contexto de la literatura latinoamericana contemporánea, destacando su rol en la denuncia social y en la preservación de la memoria colectiva. También se analiza la representación de la violencia en el contexto rural y el impacto emocional en los familiares de las víctimas, evidenciando cómo el afecto y el duelo se convierten en actos de resistencia.

Palabras claves: literatura de no ficción; feminicidio; literatura feminista; literatura contemporánea argentina.

## SUMÁRIO

<b>Introdução.....</b>	<b>9</b>
<b>Sobre Selva Almada.....</b>	<b>14</b>
<b>Garotas mortas e a ficção documental.....</b>	<b>18</b>
<b>A violência no meio rural e como o afeto é explorado.....</b>	<b>23</b>
<b>Referências bibliográficas.....</b>	<b>28</b>



## Introdução

Meu trabalho consiste em falar do livro *Garotas mortas* da escritora argentina Selva Almada, e a violência de gênero - tema central do seu livro - focando em seu relato de não ficção sobre a vida de jovens mulheres vítimas do feminicídio e a violência vivenciada muitas vezes por ela mesma.

Começo então abordando um pouco sobre o que seria um relato não ficcional.

A literatura de não ficção nasce numa tentativa de busca de um romance mais próximo à realidade, apresentando situações do cotidiano, personagens que poderiam ser pessoas conhecidas, vizinhos e até nós mesmos e acima de tudo, personagens reais.

Com o passar do tempo essa literatura mais próxima da realidade, foi se afastando do relato ficcional para se aproximar mais do leitor, como escreve Marcio Serelle:

Para Tom Wolfe (2005), há duas dobras de realismo na não ficção: a primeira referente às técnicas do romance de realismo social cujo efeito de transparência e de realidade concreta é como a eletricidade, imprescindível desde sua invenção. A segunda dobra dá à não ficção uma vantagem em relação ao “envolvimento absoluto do leitor” e está no “simples fato de o leitor saber que tudo aquilo aconteceu” (WOLFE, apud SERELLE, 2022, p. 6)

Ao longo do tempo, vários recursos foram criados para tentar trazer a realidade para dentro do romance como explica Luciene Azevedo, “flerte com o registro não ficcional, seja na forma diarística de *Crusóe* ou no apelo ao registro documental que asseguraria ao leitor a confiabilidade do que lhe é narrado.” (AZEVEDO, 2019, p. 331). E muitas vezes entrevistas, recortes de jornal, apresentações de relatórios policiais e até mesmo relatos em primeira pessoa (como um testemunho), recursos esses que veremos durante todo o livro de Almada.

Relatos não ficcionais prosperaram desde os anos de 1960, principalmente na América Latina, uma região marcada por um histórico de opressão e violência. Essas literaturas não ficcionais funcionaram como uma forma de denúncia de situações de violência e discriminação dando voz a quem não podia falar.

O escritor argentino e militante político Rodolfo Walsh foi um dos expoentes desse tipo de literatura de não ficção usada para denunciar as atrocidades cometidas pelo golpe civil militar em seu país na década de 1970. Ele alega que uma literatura ficcional, como um romance, não daria total credibilidade, não chamaria atenção do leitor como seria necessário para o assunto urgente como a violência sofrida naquela época, a história se tornaria arte e seria apenas mais uma literatura, deixaria de ser real, deixaria de ter acontecido.

Outra escritora e jornalista que não podemos deixar de mencionar por sua importância na literatura de testemunho e denúncia é a mexicana Elena Poniatowska. Seu estilo mescla aspectos jornalísticos com literatura, muitas vezes explorando questões sociais, especialmente em relação às mulheres, trabalhadores e grupos marginalizados. Misturando ficção e não-ficção, ela frequentemente dá voz aos mais vulneráveis, destacando suas lutas e histórias.

Um exemplo dessa literatura é o livro *La noche de Tlatelolco* (1971), uma de suas obras mais conhecidas, que documenta o Massacre de Tlatelolco em 1968. O livro reúne depoimentos de sobreviventes, estudantes, familiares de vítimas e testemunhas do Massacre de Tlatelolco, ocorrido em 2 de outubro de 1968, na Plaza de las Tres Culturas, na Cidade do México e é um marco no jornalismo literário mexicano.

Ele está relacionado à literatura de testemunho, um gênero que busca dar voz às experiências vividas por indivíduos ou comunidades marginalizadas. E como explica Larissa Riberti:

No ano em que *La noche de Tlatelolco* foi publicado – e década na qual vários trabalhos literários surgiram sobre o assunto – o testemunho era uma fonte chave para compreender as experiências, para denunciar a violência e tornar públicos os fatos vividos, visto que os arquivos ainda eram inacessíveis. (RIBERTI, 2013, p. 1)

Assim, *La noche de Tlatelolco* não é apenas uma obra literária, mas também um testemunho histórico e um ato de resistência cultural que alinha perfeitamente com os objetivos da literatura de testemunho.

Essas percepções de verdade e seriedade da literatura não ficcional e de testemunho também é abraçado por Selva Almada na atualidade. Almada diz que era sua intenção, escrever uma história de não ficção, e que um gênero ficcional não caberia para contar a história de vida e morte de três jovens mulheres. Denunciar era seu objetivo, fazer com que todos soubessem que esses crimes aconteceram, e que continuam acontecendo.

Seguindo nessa linha de utilizar a literatura como forma de denúncia, de acordo com Serelle, “Mantém-se, ainda uma vez, a crença de que a transmissão simbólica pode tanto refundar o presente como impedir que atrocidades do passado se repitam.” (SERELLE, 2022, p. 4). Podemos pensar em acontecimentos do passado que se tornaram livros de não ficção como o *Diário* de Anne Frank, escrito por ela - uma adolescente alemã e judia - pouco tempo antes de ser capturada por soldados nazistas, em Amsterdã, em 1944, época da segunda guerra mundial. O livro foi publicado postumamente por seu pai (único sobrevivente da família), para denunciar essa época tão sombria da humanidade e de certa forma servir de alerta para que acontecimentos desse gênero não voltassem a acontecer.

Mas quando falamos de uma literatura de não ficção isso não quer dizer que todo o livro será marcado por fatos reais, que aconteceram de verdade e que nenhuma vírgula que não aconteceu ou que não passou exatamente assim não poderia entrar no livro. Na literatura não ficcional, vemos muitas vezes uma mescla de situações verídicas com pitadas de ficção entremeadas.

Essa fronteira entre os dois gêneros acaba sendo delimitada por uma linha frágil, já que uma forma está presente em outra e vice-versa.

Lemos as histórias das pessoas e lemos também histórias que poderiam ter acontecido, mas que não aconteceram assim, ou que realmente não aconteceram. Mas essa é a margem de erro que a ficção dentro da não ficção pode deixar para nós.

Em contrapartida, nós enquanto leitores - quando estabelecemos um pacto ao início da leitura não ficcional - imaginamos que aquilo tudo aconteceu, porque embarcamos numa literatura de não ficção que parte de um princípio em que as situações ali apresentadas são verídicas. O escritor escreve o real, mas ao mesmo tempo, escreve o não real, não com a intenção de parecer real, mas com a intenção apenas de ligar os fatos, esse hibridismo é explicado nesse fragmento de Luciene Azevedo:

Hibridismo formal de narrativas que se parecem com anotações, rascunhos de preparação de uma narrativa, entradas diarísticas e que muitas vezes tratam de documentos, de personagens ou episódios históricos escrutinados por uma voz narrativa tateante cujo gesto de escrita questiona as fronteiras entre o real e o ficcional, entre o verídico e o verossímil, que dá de ombros à ficção, mas também não quer aferrar-se à transparência da prova documental e é aí nesse difícil e instável equilíbrio que surge uma outra coisa, uma nova forma. (AZEVEDO, 2019, p. 333)

Até quando lemos uma reportagem no jornal, a depender do jornalista, lemos uma boa história, ali a intenção é informar um acontecimento, mas vemos uma carga dramática típica de romances ficcionais. E em alguns casos, a intenção não é só a de informar um fato, às vezes, o fato exige uma carga dramática, ou na maioria das vezes, o jornalista usa uma carga dramática para trazer impacto à notícia. Nesse tipo de jornalismo, utiliza-se uma linguagem típica do romance ficcional, com diversas intenções de impacto, algo que o escritor colombiano Gabriel García Márquez utilizou muito em sua carreira jornalística.

E o que uma escritora como Selva Almada, fez em seu livro *Garotas mortas* - que vamos analisar ao longo do trabalho - foi o inverso, trazer uma linguagem jornalística para o romance não ficcional.

Assim como vemos uma grande contribuição de passagens ficcionais em histórias reais, também vemos uma liberdade de criação para o autor na não ficção a ponto de ele se

incluir na história, é o que podemos chamar de construção autopoética, explicado por Azevedo (2019, p. 334): “O narrador, que em *O impostor* é nomeado como Javier Cercas..., expõe, quase à maneira de uma conversa mantida com o leitor, as dúvidas sobre o empreendimento de escrita, suas opiniões e reações à vida dos personagens.”

Nesse tipo de construção, em que o autor se coloca na história e os papéis de narrador, autor e personagem se mesclam e se tornam uma única voz dentro do livro é também um artifício de aproximação com o leitor e um ato para dar credibilidade ao que está escrito.

Nós no papel de leitores quando nos deparamos com a figura do escritor presente na história em que ele está narrando, como algo que realmente aconteceu, acreditamos mais facilmente que aquilo aconteceu e acabamos nos tornando um pouco testemunhas daqueles fatos também.

Quando nos tornamos testemunhas dessas histórias de violência narradas pelos escritores que são os primeiros a testemunhar, também nos tornamos responsáveis a fazer alguma coisa para mudar os acontecimentos, é esperado que ao lermos as histórias e sabendo que são histórias de pessoas reais, nos indignemos e somos de certa forma, convocados a agir, a impedir que as atrocidades continuem.

Esse tipo de literatura de não ficção além de denunciar situações em que somos chamados a contribuir para uma mudança, também traz um protagonismo a quem era coadjuvante no passado em outros tipos de literatura. E segundo Serelle:

Se, na ficção clássica, somente os seres da ação pertencentes à aristocracia eram heróis de trajetória racionalizada pelo encadeamento das causas, o jornalismo preponderantemente narrativo fez das vidas das pessoas sem importância assunto de peripécias. (SERELLE, 2022, p. 9)

Mas ao mesmo tempo em que conta a história de pessoas que normalmente não seriam ouvidas, as narrativas de cunho jornalístico, podem perpetuar um histórico que não é favorável às pessoas que não tinham voz, já que elas são ouvidas, mas ainda assim, continuam caladas, porque suas histórias não são contadas por elas, elas veem suas histórias contadas por outras pessoas “em que essas vidas são narradas e raramente narram (RANCIÈRE, 2010, citado por SERELLE, 2022).”

Essa é uma diferença crucial entre esse tipo de narrativa e as narrativas de testemunho, já que nas de testemunho, as vítimas têm voz e são elas que contam sua própria história e as histórias que todas elas têm em comum, que no caso de *Garotas mortas* é a violência de gênero.

Quando as vítimas não podem mais falar, nesse momento entra o escritor para dar voz a elas, mas aqui o escritor se porta quase como se fosse um corpo vazio, servindo de abrigo para as almas se expressarem. Almada se comporta assim em sua narrativa, mas ela interpreta um duplo papel em que é a porta-voz das vítimas, um corpo vazio para abrigar as almas das três garotas falarem e outras muitas que são mencionadas ao longo do livro e o papel de testemunha em si, já que vivenciou de perto a violência, passando por algumas situações de desespero ela mesma e sua amiga quando eram jovens e pegavam carona da cidade onde estudavam até a cidade de sua família.

Em um trecho, ela cita uma dessas situações em que quase foram abusadas por um homem que deu carona a elas:

Uma vez senti que realmente coríamos perigo... Pedimos que nos deixasse ali. O sujeito sorriu com desprezo, saiu da pista e encostou: sim, é melhor vocês descerem, suas babaquinhas de merda. Descemos e caminhamos até a parada do ônibus. O carro alaranjado arrancou e se foi. Quando ficamos sozinhas, jogamos as mochilas no chão, nos abraçamos e desatamos a chorar. (ALMADA, 2018, p, 21-22)

A escritora também relata de forma quase testemunhal, uma situação passada por sua mãe quando quase foi vítima de violência praticada por seu pai, quando eram recém casados. Mas a morte daquelas três jovens que são as protagonistas do livro, também foi testemunhada de certa forma, por Almada, quando ela ainda pequena, escuta pelo rádio a notícia de um dos crimes. Sendo assim ela vivencia essa violência:

A morte de Andrea, assassinada em seu quarto com uma faca cravada no peito, é a primeira abordada no livro, por meio de notícia de rádio em cena cotidiana da narradora: “Eu tinha treze anos e, naquela manhã, a notícia da garota me chegou como uma revelação. Minha casa, a casa de qualquer adolescente, não era o lugar mais seguro do mundo” (apud SERELLE, 2022, p, 11)

As histórias não ficcionais narradas por Almada em seu livro, são relatos crus da violência de gênero sofrida não só pelas três meninas protagonistas, nem um caso isolado da Argentina da década de 1980, é um retrato do que acontecia e ainda acontece em qualquer ambiente e foi justamente com a intenção de provocar uma indignação no leitor, que Almada investiga e escreve sobre essas vidas marcadas pelo feminicídio e nos deixa marcados também.

No próximo capítulo irei abordar um pouco mais sobre Selva Almada, a escritora argentina contemporânea que foi a responsável por abordar várias questões, não só de violência de gênero em *Garotas mortas*, mas muitas outras situações cruas da vida interiorana.

## Sobre Selva Almada

Selva Almada é uma escritora argentina nascida em Entre Ríos, em 1973. Ela é conhecida por seus trabalhos de ficção, não ficção e poesia. A escrita de Almada frequentemente explora temas de gênero, violência e vida rural na Argentina. Ela mesma se considera uma escritora de província narrando os acontecimentos do cotidiano de pessoas, que assim como ela, vivem no interior de seu país, bem longe de Buenos Aires, sua capital e por consequência, longe também dos olhos do mundo.

A escrita de Almada se caracteriza também por uma prosa lírica e crua e pela exploração de emoções humanas complexas. Ela investiga frequentemente a vida de personagens marginalizados, lançando luz sobre as suas lutas e experiências e tende a questionar as normas sociais e culturais.

Seu foco nesses temas revela seu compromisso em explorar as realidades mais duras e menos visíveis da sociedade argentina contemporânea.

Almada costuma utilizar uma linguagem direta e sem adornos, o que lhe permite transmitir a crueza e a autenticidade das experiências das suas personagens. Nas suas obras, a escritora recorre frequentemente a uma narrativa fragmentária, alternando diferentes pontos de vista e saltando no tempo, criando uma estrutura narrativa não linear que reflete a complexidade da experiência humana. Esta técnica permite explorar a memória, o trauma e a identidade de maneiras inovadoras, contribuindo para a atmosfera evocativa e profundidade psicológica das suas obras.

Uma de suas obras notáveis é *El viento que arrasa*, romance publicado em 2012, que conta a história de um encontro entre um pregador e um mecânico em uma cidade remota no norte da Argentina. O romance foi aclamado pela crítica por sua prosa esparsa e representação evocativa de personagens e paisagens.

Além de *El viento que arrasa*, alguns de seus outros trabalhos notáveis incluem *Ladrilleros*, romance publicado em 2013 e *No es un río*, publicado em 2020, encerrando a trilogia dos homens (porque exploram, de maneira interconectada, as dinâmicas de masculinidade, os padrões de violência e as relações interpessoais em contextos rurais e periféricos da Argentina). Esse último, explora temas profundos como o luto, a amizade masculina e a conexão entre os personagens e a natureza. A obra está situada em uma pequena comunidade rural, à beira de um rio, e mistura uma atmosfera de introspecção com uma narrativa que combina o real e o simbólico.

O rio é central no livro, atuando como um símbolo da vida, da morte e das emoções profundas dos personagens. Ele não apenas conecta o ambiente físico em que vivem, mas também serve como um espaço de reflexão sobre a vida que corre, fluida, apesar das tragédias. Com uma prosa poética e um estilo narrativo que alterna entre o presente e as lembranças do passado, Selva Almada tece uma trama que é tanto sobre as relações humanas quanto sobre a força implacável da natureza. O silêncio e a ausência de comunicação direta entre os personagens masculinos refletem a maneira como lidam com suas próprias emoções e traumas.

E um dos mais conhecidos e comentados é *Chicas muertas*, livro de não ficção lançado em 2014, que investiga os assassinatos de três adolescentes na Argentina durante a década de 1980. E é sobre ele que se centra este trabalho.

Em um artigo publicado pela revista *Entre Parêntesis* da Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL), a professora Maria Celeste Ribeiro, aborda justamente sobre como a narrativa de Almada é potente em denunciar a violência e o feminicídio como uma das piores formas de violência, talvez a pior que possa existir há tempos, mas que felizmente está cada vez mais combatida, por mais que os índices não diminuam.

Selva Almada é real. Escritora, feminista e ativista, tem participação importante no “Ni una menos”, movimento de mulheres surgido na Argentina em 2015, para protestar contra a violência de gênero e exigir a implantação de políticas públicas para proteger os direitos das mulheres, de forma a conter tal violência, em especial, os feminicídios. (RIBEIRO, 2021, p. 4)

Nesse seu artigo intitulado “A denúncia do feminicídio por Selva Almada e Florita Almada: o real e o ficcional” Ribeiro, menciona também o romance de ficção *2666* do chileno Roberto Bolaño, que mesmo sendo diferente da não ficção de Almada, também traz relatos de assassinato de mulheres e que poderiam facilmente estarem nas estatísticas dos jornais e na vida fora dos livros.

Na opinião de Ribeiro, narrar esses crimes que ficaram impunes é a forma que Almada encontrou de denunciar a violência.

Selva Almada como escritora reconhecida internacionalmente já participou de diversas entrevistas e em uma delas, pelo canal do youtube da rede France 24, ela mesma conta como é o seu processo de escrita, suas vivências enquanto escritora narrando violências e a vida interiorana.

Ela diz que a visão que o mundo tem da Argentina, talvez seja uma visão da vida em Buenos Aires e diz também que os próprios argentinos têm essa dificuldade de conhecer e não tem acesso às culturas e o modo de vida de outras regiões dentro de seu próprio país. E

isso faz com que não haja uma interação entre as regiões e é um prejuízo, pois sem a integração dos povos a cultura se perde.

Podemos comprovar esse relato através da transcrição de um trecho do vídeo, a seguir:

Sí, creo que esa visión de país europeo quizás se corresponde más con Buenos Aires. Entonces a veces lo que pasa es eso, que para los extranjeros Argentina es solamente Buenos Aires. Entonces sí es verdad que incluso nosotros mismos no tenemos mucho registro de cómo son otras regiones del país, o que cada una tiene su particularidad, su modo de hablar, su música. Y a veces es verdad que eso queda un poco siempre como encapsulado en cada región y no hay mucha circulación de toda esa cultura música, literatura, artistas visuales, no hay una circulación muy integral de eso. (ALMADA)

Nessa mesma entrevista em questão, Almada também menciona o fato de se sentir confortável em narrar a violência, que acha esse tema, um tema poderoso e mais identificável com a vida dura e crua nas regiões do interior. “Creo que la desigualdad, o sea, justamente en esto, en un país tan grande como es Argentina, la desigualdad también es muy grande y se ha acrecentado en las últimas décadas y entonces buena parte de la población no tiene opciones.”

Em outra entrevista, dessa vez para o canal no youtube da Universidad Nacional de Quilmes, Almada relata um pouco da sua vida no interior e em como sentia que não fazia parte daquela realidade, como citado por ela mesma: “Bueno, la verdad que esos años entre los 12 y los 17 que me fui, fueron bastante difíciles para mí, en un pueblo donde yo sentía que no tenía nada que ver con ese modelo de mujer en que debíamos seguir todas, o que se proponía.”

Quem conduz a entrevista é a professora Margarita Pierini que faz uma breve apresentação da escritora narrando suas características de escrita que aos poucos vamos conhecendo e que podemos perceber ao longo de vários de seus livros. Mas é importante ressaltar que mesmo definindo Selva Almada como uma escritora de província, ou como ela mesma se define, isso não a faz uma escritora regionalista ou folclórica e que romantiza o campo como um lugar idílico.

Ella misma se va a definir alguna vez como una escritora de provincia, un poco parafraseando el título de una de sus obras, una chica de provincia. Y aquí hay algo que me parece que es bastante identitario y característico de esta escritora. Ella no va a hacer literatura regional, por llamarla de alguna manera, y era una temática y a un formato de hace varias décadas, pero tampoco está ausente ni en los temas que trata, ni sobre todo, diríamos, en el tono, en el tono de la voz de sus personajes, en su propio tono dentro de los diferentes narradores, esa impronta, esa marca tan original y muchas veces tan ausente en nuestra literatura. (PIERINI, 2017)



Não podemos nos esquecer que Selva Almada faz parte de um novo grupo de mulheres escritoras argentinas que narram a violência e não podemos deixar de mencionar também o protagonismo delas em denunciar as formas de violência que as mulheres sofrem todos os dias.

Neste artigo "Feminismo y literatura (argentina) mundial: Selva Almada, Mariana Enríquez y Samanta Schweblin", Ana Gallego Cuiñas analisa como essas três autoras argentinas contemporâneas exploram questões feministas em suas obras literárias. Elas trazem à tona temas como a violência de gênero, as desigualdades sociais, a opressão patriarcal e o papel da mulher na sociedade.

Cuiñas expõe em seu artigo que mesmo essas escritoras estando cada vez se popularizando mais, ainda seguem em segundo plano e talvez postas em uma cena de escritoras feministas pura e simplesmente. “Pareciera entonces que buena parte de los académicos más consagrados no se ha hecho eco suficiente del extraordinario calibre de esta novísima escritura de mujeres, que no ha conseguido el mismo tratamiento y circulación que la de sus pares hombres.” (CAIÑAS, 2020, p. 72).

Felizmente, essas escritoras têm contribuído de forma significativa para a literatura mundial ao explorar temas relacionados às questões de gênero, violência, marginalização e o corpo feminino, como nessa citação: “En efecto, en el campo cultural argentino que impulsó en 2015 el movimiento feminista de alcance mundial Ni una menos, se están produciendo en la última década nuevas formas de empoderamiento literarias que merecen un espacio propio para la reflexión crítica.” (CAIÑAS, 2020, p. 77)

Selva Almada se destaca pelo retrato da vida cotidiana no interior da Argentina e a forma como trata das dinâmicas de poder e violência, principalmente contra as mulheres. Mariana Enríquez, conhecida por suas narrativas de terror e realismo gótico, frequentemente aborda a opressão feminina em um contexto urbano e violento. Já Samanta Schweblin, com sua prosa minimalista e inquietante, explora questões de controle e vulnerabilidade, colocando o corpo feminino no centro de suas narrativas distópicas.

El punto de partida de las propuestas narrativas de las argentinas Almada, Enríquez y Schweblin es un feminismo hegemónico, que desafía tanto la ideología patriarcal como la literatura femenina, poniendo en jaque la institución del matrimonio, los roles de esposa y madre, la familia y la misma identidad –en devenir y performática– de la mujer mundial (no específicamente latinoamericana). ¿Cómo lo logran? Representando zonas de debate “mundiales”, muy productivas desde los enfoques feministas actuales, que son deconstruidas y resignificadas: la maternidad, el amor romántico, y la violencia machista; los *topoi* de la escritura de mujeres que más –y mejor– circulan en la literatura mundial. Sin duda, la resistencia feminista es hoy un mercado en expansión, valga el oxímoron. (CUIÑAS, 2020, p. 82)

Essas autoras têm conseguido, por meio de suas obras, expandir os limites da literatura feminista ao situar o feminino em contextos não apenas locais, mas também globais, conectando o leitor a temas universais de opressão, resistência e transformação. Além disso, têm sido reconhecidas mundialmente, levando a literatura argentina para um cenário internacional, onde o feminismo ocupa um lugar cada vez mais importante.

Para finalizar esse capítulo, termino mencionando a questão da memória, tão importante em um romance de não ficção que tem a pretensão de denunciar o feminicídio e de principalmente fazer com que não esqueçamos das vítimas e mantê-las vivas de alguma maneira.

O artigo "Chicas muertas de Selva Almada. Nuevas formas de la memoria sobre el femicidio en la narrativa argentina" de María Celeste Cabral da Universidad Nacional de La Plata, analisa o livro *Chicas muertas* (2014). O foco do artigo está nas novas formas de representação da violência de gênero e de memória coletiva no contexto da literatura argentina contemporânea pós-ditadura.

Los episodios traumáticos del pasado dictatorial ocuparon en la literatura argentina un espacio central. *Chicas muertas* de Selva Almada inicia el diálogo con ese corpus en dos planos: por un lado señala la invisibilidad de los feminicidios durante el retorno de la democracia. Por otra parte, el texto recupera la pregunta sobre cómo narrar la violencia extrema que –iniciada en el aforismo de Theodor Adorno (1955)– recorre las discusiones en torno a las formas del relato sobre el pasado reciente. (CABRAL, 2018, p. 2)

O artigo enfatiza como *Chicas muertas* contribui para o debate sobre feminicídio ao criar uma narrativa que não se limita à simples denúncia, mas que também trabalha o impacto emocional e social dessas mortes, ressignificando a memória das vítimas e criando um espaço de resistência contra o esquecimento e a impunidade. Almada propõe uma reflexão sobre a urgência de mudanças sociais e políticas para lidar com a violência de gênero na Argentina.

No próximo capítulo iremos abordar como o gênero da não ficção propriamente dito trabalha e em como Almada o utiliza de forma tão genial para denunciar os feminicídios em seu livro.

## **Garotas mortas e a ficção documental**

A ficção documental é um gênero híbrido que combina elementos da ficção e do documentário, criando obras que desafiam as fronteiras entre o real e o imaginário. Esta mistura provoca questões formais e teóricas relevantes, que podem ser exploradas em

diferentes dimensões. Isso faz com que não consigamos definir alguns romances em um gênero único, como cita Ivan Jablonka:

Eles são, certamente, praticantes de um gênero, mas qual? A mínima, todos estes textos formam uma literatura – investigação, reportagem, narrativa de vida, testemunho, autobiografia, jornal, relato de viagem – que contribui para a inteligibilidade do mundo. Mas sua geografia é indistinta. Estes espaços são excessivamente anfíbios para que possam ser apreendidos de modo inteiramente seguro. (JABLONKA, 2017, p. 11)

Uma das principais características da ficção documental é a fusão de estruturas narrativas tradicionais da ficção (com personagens, enredos, conflitos) com formas documentais (testemunhos, arquivos históricos, imagens de realismo cru). Nos documentários tradicionais, a voz do autor muitas vezes tem o papel de guia, enquanto na ficção, a história pode ser conduzida de forma mais indireta. Na ficção documental, a voz do narrador pode ser ambígua, misturando posicionamentos factuais com interpretações subjetivas.

*Garotas Mortas* (2014), de Selva Almada, é uma obra que mistura jornalismo, investigação e narrativa literária para abordar o feminicídio de três jovens em pequenas cidades argentinas nos anos 1980.

O livro não se encaixa exatamente em um único gênero, funcionando como uma fusão de não-ficção, romance e relato pessoal. Dada essa estrutura híbrida, ele levanta questões formais e teóricas importantes, tanto sobre o gênero quanto sobre a própria construção de memória e violência. Como explica Jablonka, mencionando o escritor espanhol Javier Cercas, um grande exemplo de não ficção: “Um romancista que não inventa; percebe-se aqui a influência do “romance de não-ficção” nesta segunda definição, à qual se filia um mestre do gênero, como Javier Cercas. *Les soldats de Salamine* constitui uma “narrativa real”.” (JABLONKA, 2017, p. 12).

A obra não se apresenta explicitamente como feminista, porém a narrativa de Almada denuncia a violência sistêmica contra as mulheres e a negligência das autoridades em investigar esses crimes. A autora também explora como ser mulher afeta a forma como ela investiga e escreve sobre os crimes, levantando questões sobre a escrita feminina em um gênero tradicionalmente dominado por homens. As descrições dos crimes e os relatos sobre as vítimas enfatizam como o corpo feminino é o principal alvo da violência patriarcal. O corpo se torna tanto um objeto de destruição quanto um símbolo de resistência à opressão, já que a obra também busca restaurar a dignidade das vítimas ao contar suas histórias.

E embora o livro trate de casos reais de feminicídio — os assassinatos de Andrea Danne, María Luisa Quevedo e Sarita Mundín —, Almada adota um estilo literário que se

afasta do jornalismo tradicional. Isso cria um hibridismo entre o real e a linguagem literária, uma escolha formal que destaca a subjetividade da autora. E levanta a questão de até onde uma obra não-ficcional pode incorporar elementos literários e subjetivos sem comprometer sua fidelidade aos fatos. Almada não busca apenas a investigação factual, mas também a construção de uma atmosfera narrativa, levando o leitor a refletir sobre a violência e o esquecimento através de uma lente mais pessoal e poética. A obra também entrelaça a investigação dos casos com as memórias da própria autora, criando uma fusão entre o espaço público (os crimes e a impunidade) e o espaço privado (suas memórias e reflexões). Isso traz uma discussão sobre a relação entre memória pessoal e coletiva.

Ainda que o livro seja uma investigação de casos reais, há também uma forte presença da própria Almada como narradora e personagem. Isso levanta questões teóricas sobre a fronteira entre o "eu" real e o "eu" ficcional, uma marca da autoficção. A autora não apenas relata os fatos, mas também suas próprias reações emocionais, reflexões e limitações enquanto escritora e investigadora.

Almada se pergunta sobre o papel do escritor/investigador ao contar histórias de violência e dor. Ela também se questiona sobre o impacto de sua escrita nas famílias das vítimas e nas comunidades envolvidas. Esse é um dilema ético frequente em obras de não ficção sobre crimes reais. A obra sugere uma tensão entre a necessidade de dar voz às vítimas e a consciência de que, ao narrar suas histórias, a autora está, de certa forma, impondo sua própria interpretação e recriando os eventos a partir de uma perspectiva subjetiva. Isso coloca em questão a responsabilidade da autora ao lidar com temas tão sensíveis.

Um dos aspectos mais marcantes de *Garotas Mortas* é a presença de silêncios e ausências, tanto nos casos investigados quanto na própria narrativa de Almada, o silêncio das investigações inacabadas, o silêncio das famílias que não conseguem respostas e o silêncio da sociedade que não reconhece plenamente essas tragédias. Ela usa o silêncio tanto como tema quanto como uma técnica narrativa, criando lacunas no texto que refletem o desconhecido e o ininteligível.

Diferentemente de uma narrativa policial clássica, *Garotas Mortas* não oferece uma resolução clara para os crimes, a autora não tenta resolvê-los ou oferecer respostas claras, o que sublinha uma estética da ausência. Essa ausência reflete a falta de justiça para as vítimas e seus familiares, e a forma como esses crimes foram esquecidos ou ignorados pela sociedade. A obra não foca tanto na violência explícita, mas sim nas consequências invisíveis da violência estrutural contra as mulheres. Isso cria um efeito formal em que a ausência de

detalhes gráficos amplifica o impacto emocional, destacando a violência invisível e cotidiana que permeia essas vidas.

O texto reconhece a incerteza e a falta de respostas, mantendo o mistério e a frustração como elementos centrais. A obra propõe, assim, uma crítica ao desejo de fechamento narrativo que muitas vezes guia as investigações de crimes.

Almada opta por uma estrutura fragmentada, ou seja, o livro não segue uma linha cronológica rígida onde as histórias das garotas assassinadas não são contadas de maneira linear ou cronológica. A narrativa se move entre o presente da autora e os eventos do passado, em uma estrutura que evoca a fragmentação da memória e a dificuldade de reconstruir o passado criando uma estrutura que imita a forma como a memória e o trauma funcionam. Essa abordagem reflete a dificuldade de acessar a verdade, especialmente em casos que já foram negligenciados por tanto tempo. A atemporalidade dos relatos — com saltos entre os anos 1980 e o momento da escrita — sublinha o fato de que esses crimes não são isolados ou pertencentes apenas a um tempo específico. Ao contrário, mostram a continuidade da violência contra as mulheres e a impunidade estrutural que a acompanha.

A obra lida com a ideia de que, em muitas comunidades pequenas, os crimes de violência contra a mulher caem no esquecimento. A autora busca reconstruir essa memória coletiva perdida, mas também questiona até que ponto isso é possível. A dificuldade de recuperar a verdade após anos de negligência e o impacto emocional dessa busca são temas centrais. Almada examina a maneira como esses crimes foram esquecidos ou nunca foram levados a sério pelas autoridades e pela sociedade. O esquecimento aqui não é apenas pessoal, mas institucional e social. A narrativa busca resgatar a memória dessas garotas, mas ao mesmo tempo questiona até que ponto esse resgate é possível, dada a falta de justiça.

O livro pode ser visto como uma tentativa de dar voz a um trauma coletivo, onde os assassinatos de mulheres são sintomas de uma violência maior, enraizada no tecido social. Essa abordagem é típica da literatura de trauma, que lida com a dificuldade de articular e dar forma ao que é, muitas vezes, indizível.

Almada trabalha com a ideia de que os assassinatos dessas garotas foram "apagados" da memória pública, tanto por questões estruturais da sociedade patriarcal quanto pela indiferença ou incompetência das autoridades. A narrativa traz à tona a invisibilidade da violência de gênero em um contexto onde as vítimas são muitas vezes esquecidas ou negligenciadas. A autora utiliza esses casos como exemplos do fenômeno maior do feminicídio, especialmente em sociedades como a Argentina, onde a violência contra a

mulher é frequentemente ignorada. A crítica social implícita em sua escrita aponta para a normalização dessa violência e o silêncio que a envolve.

A ambientação nas pequenas cidades argentinas é fundamental para a narrativa, pois Almada descreve como o machismo, a corrupção e a ineficiência das autoridades locais contribuem para a impunidade dos criminosos. No entanto, o tema da violência de gênero transcende o contexto local e pode ser visto como uma reflexão sobre a condição universal das mulheres em sociedades patriarcais. Ao focar em três casos esquecidos de jovens de origem humilde, Almada critica a forma como a sociedade trata diferentes classes sociais e como certos corpos são considerados descartáveis. Essa crítica ecoa em uma discussão mais ampla sobre a hierarquia social e a desigualdade na administração da justiça.

A investigação transcende, assim, as nossas corporações acadêmicas. Ela é um esquema universal de pensamento que pode ser aplicada e estendida tanto às ciências quanto à vida cotidiana.

Em termos teóricos, *Garotas Mortas* pode ser lido como uma crítica à violência estrutural de gênero na Argentina e, por extensão, na América Latina. A obra não apenas relata crimes de feminicídio, mas reflete sobre o sistema patriarcal que os torna possíveis e perpetua a impunidade. Isso alinha o livro com uma perspectiva feminista crítica que busca não apenas narrar a violência, mas contextualizá-la em uma crítica social mais ampla. Esse é um exemplo de como um romance não ficcional pode envolver diferentes vozes e diferentes contextos e pessoas, como explica Ivan Jablonka:

Ela é familiar, simultaneamente, ao detetive, ao policial, ao juiz de instrução, ao jornalista, ao arqueólogo, ao historiador e ao sociólogo. O paradigma da investigação conecta obras diversas, tais como Operação Massacre massacre, de Rodolfo Walsh (investigação sobre os desaparecimentos após a derrubada de Perón); (JABLONKA, 2017, p. 14)

O fato de que os casos investigados permanecem sem solução reflete uma crítica profunda às instituições que deveriam proteger as mulheres. Almada mostra como o sistema jurídico, a polícia e a sociedade em geral normalizam a violência contra as mulheres, perpetuando sua invisibilidade.

Selva Almada utiliza a literatura não apenas como um meio de contar uma história, mas como um ato de resistência. Ao escrever *Garotas Mortas*, ela desafia o silêncio imposto pela sociedade e pelas autoridades. O livro se torna um espaço onde as vozes das vítimas podem ser ouvidas, mesmo que indiretamente, e onde a violência que sofrem não pode ser ignorada. Essa obra é um exemplo complexo de como a literatura pode operar em espaços entre gêneros, misturando jornalismo, narrativa pessoal e crítica social. A obra levanta

questões sobre a construção da memória, a violência de gênero e a própria função da literatura em relação à realidade. Almada não apenas relata crimes de feminicídio, mas também reflete sobre o papel da escritora como testemunha e participante de uma sociedade marcada pela violência e pelo silêncio.

## **A violência no meio rural e como o afeto é explorado**

No romance *Garotas Mortas*, da escritora argentina Selva Almada, a violência é abordada de forma sutil, porém contundente, ao tratar da realidade de três casos reais de feminicídios ocorridos em pequenas localidades da Argentina durante a década de 1980. “Como o próprio título *Chicas muertas*, em português brasileiro, *Garotas mortas*, a autora já indica de forma direta e seca o tema da obra,” como explica Regina Kohlrausch e Maria Kobolt (2019, p. 69). Almada utiliza uma linguagem intimista e investigativa para explorar o impacto social e cultural dessa violência contra mulheres em uma sociedade permeada por machismo e desigualdades de gênero.

A obra não se limita à exposição dos crimes; ela também reflete sobre a negligência da justiça, a indiferença social e a dor persistente das famílias. A autora constrói uma narrativa que mistura jornalismo, memória e literatura, evidenciando como esses assassinatos são sintomas de uma violência estrutural que permanece enraizada.

A violência no livro é apresentada tanto de forma explícita, nos detalhes das mortes e na impunidade dos casos, quanto de maneira implícita, na forma como as histórias das vítimas são relegadas ao esquecimento. O romance denuncia não só os atos brutais, mas também a cultura que os normaliza e perpetua. Como dito por Miguel Conde, “o livro de Almada cria uma aproximação perturbadora entre os crimes que lhe servem como ponto de partida e eixo narrativo e uma dimensão mais cotidiana da opressão enfrentada pelas mulheres na sociedade argentina.” (CONDE, 2024, n.p).

Embora os assassinatos em si sejam descritos com certa objetividade, o foco da narrativa está no impacto emocional e social dos crimes. Almada evita sensacionalismo, mas não deixa de mostrar a brutalidade dos atos e suas consequências. Além dos assassinatos, o livro revela outras formas de violência, como o controle, o silenciamento e a indiferença enfrentados pelas mulheres no ambiente rural.

Como já abordado anteriormente, a escritora, insere reflexões autobiográficas e memórias de sua juventude para criar uma conexão emocional com as vítimas, humanizando

suas histórias e destacando o quanto a violência de gênero é um fenômeno próximo e universal. E assim, Kohlrausch e Kobolt destacam o envolvimento de Almada nas histórias inserindo um trecho do livro que aponta isso:

Como revela Almada, a obra *Chicas muertas* origina-se do interesse sobre o tema da violência contra as mulheres. No enredo, por meio de uma voz narrativa em primeira pessoa, a própria autora ficcionalizando sua história de vida e de escrita do texto, mescla percepções e recordações pessoais – uma escrita de si que revela, no início da narrativa, uma conclusão dura e cruel para uma jovem de treze anos: “*Yo tenía trece años y esa mañana, la noticia de la chica muerta, me llegó como una revelación. Mi casa, la casa de cualquier adolescente, no era el lugar más seguro del mundo. Adentro de tu casa podían matarte. El horror podía vivir bajo el mismo techo que vos*” (ALMADA, 2014, p. 17) – com a (re)construção de três casos de feminicídios entrecruzados por um conjunto de outras ocorrências de violência de gênero. (KOBOLT e KOHLRAUSCH, 2019, p. 70)

A violência em *Garotas Mortas* não é apenas um elemento narrativo; é o ponto de partida para questionamentos mais amplos sobre desigualdade, opressão e impunidade. Almada convida o leitor a refletir sobre como esses crimes, embora distantes no tempo e espaço, ecoam em muitas realidades contemporâneas. A obra denuncia, mas também provoca empatia e indignação, desafiando o leitor a não permanecer indiferente.

Selva Almada, em *Garotas Mortas*, aborda a violência contra a mulher em sua manifestação mais extrema: o feminicídio. No entanto, ela vai além de relatar os crimes; a autora contextualiza essas tragédias em um cenário interiorano, onde as dinâmicas sociais e culturais intensificam as condições que perpetuam a violência. A relação entre a violência e o espaço rural é central para compreender como o feminicídio não é apenas um ato isolado, mas o resultado de uma teia de fatores históricos, sociais e institucionais.

No ambiente rural, como o retratado por Almada, o machismo se manifesta de forma arraigada, moldando as relações de gênero. A divisão tradicional de papéis – mulheres restritas ao espaço doméstico e homens como figuras de autoridade – contribui para uma cultura de controle e submissão feminina. Essa realidade é reforçada por comunidades pequenas, onde a privacidade é limitada, mas a solidariedade social não necessariamente protege as mulheres. A violência doméstica e de gênero é muitas vezes percebida como um problema privado, invisibilizando as situações de risco e perpetuando a impunidade dos agressores.

Além disso, em regiões interioranas, a cultura do silêncio é uma constante. As vítimas e suas famílias frequentemente enfrentam vergonha ou discriminação ao denunciar agressões, o que perpetua ciclos de violência. O peso da religião e das normas tradicionais também reforça papéis de gênero rígidos, que frequentemente responsabilizam as mulheres por sua



própria vitimização. Há uma tendência a normalizar a violência masculina, frequentemente vista como uma expressão de força ou poder. Esse contexto torna as mulheres mais vulneráveis a abusos e crimes, enquanto os agressores se beneficiam de uma rede de cumplicidade e silêncio, alimentada por normas culturais e preconceitos de gênero.

Os feminicídios descritos em *Garotas Mortas* são o ápice de um ciclo de violência que muitas vezes começa de maneira mais sutil, mas que se intensifica em uma sociedade que desvaloriza a vida das mulheres. No cenário rural, onde o isolamento físico muitas vezes reflete um isolamento institucional, as mulheres enfrentam dificuldades para acessar apoio ou denunciar abusos. “Almada salienta que, principalmente, no campo, onde as mulheres têm menos informação, não têm a quem recorrer quando agredidas e, em alguns casos, nem ao menos se dão conta das agressões veladas no dia a dia.” (KOBOLT e KOHLRAUSCH, 2019, p. 73).

Os casos apresentados por Almada revelam um padrão comum: as vítimas eram jovens mulheres vivendo em uma sociedade que as via como subordinadas. Seus assassinatos não apenas encerram suas vidas, mas também exemplificam como essas comunidades interioranas frequentemente relegam tais crimes à obscuridade. A falta de investigações adequadas e o esquecimento coletivo reforçam a ideia de que suas vidas eram menos importantes.

Em um contexto interiorano, a ausência do Estado é evidente, tanto na prevenção quanto na investigação de crimes contra mulheres. Almada denuncia como as forças de segurança e o sistema judicial muitas vezes são negligentes ou coniventes. Os feminicídios permanecem impunes, transformando-se em uma segunda violência – a institucional.

Essa negligência também é simbólica: ela reflete uma sociedade que prioriza valores patriarcais sobre a proteção e a igualdade de direitos. No interior, onde os recursos são escassos e o controle social é forte, essa impunidade se agrava, perpetuando um ciclo em que a violência se naturaliza.

A obra de Selva Almada é um poderoso chamado à ação, destacando a necessidade de romper com as estruturas culturais que naturalizam a violência contra a mulher. O interior, com sua aparente tranquilidade, torna-se o palco de tragédias que simbolizam a luta universal por justiça e igualdade.

O ambiente rural, com suas estradas vazias, campos vastos e silêncio, cria uma atmosfera de solidão e abandono que reflete a vulnerabilidade das vítimas. No interior, os feminicídios ocorrem em espaços afastados e discretos, o que reforça a ideia de que a violência contra as mulheres é algo que pode ser facilmente escondido ou ignorado.

A relação entre a violência, o feminicídio e o cenário interiorano, como retratado em *Garotas Mortas*, evidencia uma interconexão complexa e profundamente enraizada em fatores culturais, sociais e institucionais. Nesse romance, o ambiente rural da Argentina da década de 1980 não é apenas um pano de fundo para os acontecimentos, mas um elemento ativo que molda a forma como a violência contra as mulheres é praticada, percebida e negligenciada. O interior, com seu silêncio e isolamento, torna-se cúmplice do horror ao proporcionar o terreno ideal para a indiferença e a impunidade. E é assim que Conde vai fazer referência a esse ambiente de repulsa e medo:

Um horror psicológico, atmosférico, no qual a descrição das cidades do interior - construções deterioradas e terrenos vazios, comércios modestos, antigas lojas de família à beira da falência, jornaizinhos obscuros - acentua seus aspectos lúgubres e decadentes e, assim, afigura-se como uma espécie de correlato concreto de uma corrosão moral, de algo de podre cujo mau cheiro se faz sentir apesar dos pactos de silêncio locais. (CONDE, 2024, n.p)

Nesse romance, Selva Almada não apenas narra os feminicídios de três jovens mulheres, mas também mergulha no impacto emocional e afetivo que esses crimes deixam em suas famílias. O livro revela como o luto, o amor e o sofrimento se entrelaçam, evidenciando a força e a fragilidade das relações familiares diante da violência extrema. O afeto, aqui, é retratado como um fio condutor que tanto sustenta quanto desafia os familiares das vítimas, enquanto eles lidam com a ausência e o esquecimento.

Nas famílias das vítimas, o luto é uma presença constante, moldando as vidas dos que ficam. Almada descreve como os pais, mães e irmãos enfrentam a dor da perda de maneiras diversas, mas sempre permeadas por um amor profundo. O amor das famílias funciona como um ato de resistência contra o apagamento das histórias das vítimas, um destino comum no contexto rural descrito por Almada. Os familiares, especialmente os pais e mães, preservam as memórias de suas filhas como um ato de sobrevivência emocional e de luta contra a indiferença.

Esse amor, no entanto, não é suficiente para mitigar a sensação de impotência diante da injustiça e da impunidade. O luto se transforma em uma forma de manter as vítimas vivas na memória, seja por meio de relatos sobre suas personalidades e sonhos, seja pela busca incansável por respostas. Essa memória afetiva, muitas vezes compartilhada em silêncio ou através de gestos cotidianos, reflete a tentativa de preservar a dignidade das mulheres em um contexto que frequentemente as reduz a estatísticas.

Mesmo sem apoio institucional ou reconhecimento público, as famílias mantêm vivas as histórias das jovens assassinadas. Elas se tornam narradoras das vidas e sonhos das

vítimas, desafiando o esquecimento que a sociedade lhes impõe. Almada destaca como o luto das famílias transcende a dor pessoal, transformando-se em uma reivindicação de dignidade para as vítimas. É um esforço constante de reumanização, especialmente em uma sociedade que frequentemente desvaloriza vidas femininas.

O feminicídio não destrói apenas a vida da vítima; ele também fragmenta as famílias. Almada mostra como essas tragédias provocam rupturas nas dinâmicas familiares, muitas vezes aprofundando sentimentos de culpa, vergonha ou raiva. A ausência de justiça e o estigma social podem isolar as famílias, levando a conflitos internos ou ao afastamento entre seus membros.

Ainda assim, há também momentos de união e solidariedade entre os familiares, que encontram no amor e na memória da vítima a força para seguir em frente. Essas relações se tornam ainda mais significativas em contextos interioranos, onde a rede de apoio externa é limitada e as famílias frequentemente se veem sozinhas em sua luta por justiça, como aconteceu com o irmão de Maria Luisa Quevedo, uma das três jovens mortas.

Almada destaca como a negligência das autoridades agrava o sofrimento das famílias. A ausência de investigações adequadas ou de respostas concretas intensifica o sentimento de abandono e de injustiça. Para os familiares, a impunidade não é apenas uma falha do sistema; é uma segunda violência, que reforça a invisibilidade das vítimas e perpetua o ciclo de dor representando uma violência simbólica contra as vítimas e seus entes queridos.

Porém, Selva Almada não trata os familiares apenas como personagens secundários ou figuras de luto. Em *Garotas Mortas*, suas vozes ocupam um papel central na reconstrução das narrativas das vítimas. A autora inclui detalhes das vidas das vítimas contados por suas famílias — seus sonhos, personalidades e momentos de alegria. Isso torna as jovens mais próximas do leitor, rompendo com a desumanização comum em casos de violência.

O afeto transcende o luto individual e se torna um ato político. Ao lembrar as histórias das vítimas e compartilhar suas memórias, as famílias desafiam o esquecimento e reivindicam a humanidade de suas filhas e irmãs. Esse processo de resgate é essencial, especialmente em comunidades interioranas, onde a violência é muitas vezes normalizada e os crimes rapidamente caem no esquecimento coletivo.

Selva Almada, em *Garotas Mortas*, constrói uma narrativa onde o afeto das famílias das vítimas de feminicídio emerge como um pilar central para a memória e a resistência diante da violência. Ao dar voz aos familiares e explorar as emoções que atravessam a perda, Almada revela as camadas mais humanas e dolorosas dessa tragédia, questionando a indiferença social e institucional que cerca os casos.

## Referências bibliográficas

- AZEVEDO, L. **Saindo da ficção: narrativas não literárias**. Revista Caracol: USP, n. 17, 2019. 8 p.
- CABRAL, M, C. **Chicas muertas de Selva Almada**. Nuevas formas de la memoria sobre el femicidio en la narrativa argentina. Orbis Tertius, v. 23, n. 28, dez 2018. 10 p.
- CONDE, M. **Jornalismo de horror e verdade afetiva em *Garotas Mortas*, de Selva Almada**. *In: Entre a manchete e a metáfora: estudos sobre Jornalismo e Literatura*. Curitiba. 2024. 140 p.
- CUÑAS, A, G. **Feminismo y literatura (argentina) mundial: Selva Almada, Mariana Enríquez y Samanta Schweblin**. Comienzos de la novísima literatura latinoamericana. 2020. p.71-96.
- JABLONKA, I. **O terceiro continente**. ArtCultura: Uberlândia, v. 19, n. 35, jul.-dez. 2017. p. 9-17.
- KOBOLT, M, E, P; KOHLRAUSCH, R. **Chicas Muertas, de Selva Amada: Três assassinatos e o silenciamento da violência contra as mulheres**. Ipotesi: Juiz de Fora, v. 23, n. 2,, jul./dez. 2019.p. 65-78.
- RIBEIRO, M, C, S. **A denúncia do feminicídio por Selva Almada e Florita Almada: O real e o ficcional**. Revista Entre Parênteses: Alfenas. v. 10, n. 2. 2021 16 p.
- RIBERTI, L, J. **La noche de Tlatelolco: literatura de testemunho, construção narrativa e representação do movimento estudantil mexicano de 1968**. Revista Contemporânea – Dossiê História e Literatura.v. 2, n. 4. 2013. 33 p.
- SERELLE, M. **Urgência de não ficção: enfrentamentos políticos e literários do jornalismo narrativo**. Revista Galáxia: São Paulo. v. 47. 2022. p. 21.
- FRANCE 24 Español. Selva Almada: "Me parece muy poderoso narrar la violencia" YouTube, 11 de junho de 2023. 11min28s. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=NOtBExlhohI&t=609s>> Acesso em: 15 de setembro de 2024.
- Universidad Nacional de Quilmes Programa de Producción Televisiva. Entrevista a Selva Almada: Una escritora de provincia. YouTube, 31 de outubro de 2017. 26min11s. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=8Zkk8U7cMOE&t=11s>> Acesso em 15 de setembro de 2024.

